



Clipping – Jornais Impressos
Mestra Josenir Lacerda

Mundo Jovem

I.º FESTIVAL DE POESIA JOVEM DO CRATO

Realizou-se, com total êxito, o I FESTIVAL DE POESIA JOVEM DO CRATO, promovido pelo Cemic e a "Quarta Série B" do Colégio Estadual Wilson Gonçalves patrocinado pela "A Pernambucana e Antônio Almino de Lima, na Fundação Padre Ibiapina:

ESTUDANTES CLASSIFICADOS E PREMIADOS:

P O E S I A S

- 1.º Lugar — Crônica — Zeilton Alves Feitosa — (2.º Ano Técnico da Escola de Comércio)
- 2.º Lugar — Cósmicos — Antônio Rosenberg de Moura (4.º Ano Ginásial do Colégio Estadual Wilson Gonçalves)
- 3.º Lugar — Desventura — Vera Sílvia Teles Braga — (1.º Ano Científico do Colégio Diocesano do Crato)
- 4.º Lugar — João Batista Pereira Lôbo — (2.º Ano Científico do Colégio Diocesano do Crato)
- 5.º Lugar — Numa Noite — Zeilton Alves Feitosa — (2.º Ano Técnico da Escola de Comércio)
- 6.º Lugar — Protesto — Charles Teles Macêdo — (4.º Ano Ginásial do Colégio Estadual Wilson Gonçalves)
- 7.º Lugar — Manchetes — Antônio Ivan Alencar — (1.º Ano Científico do Colégio Estadual Wilson Gonçalves)
- 8.º Lugar — Os Pequeninos — João Batista Pereira Lôbo (2.º Científico do Colégio Diocesano)
- 9.º Lugar — No Silêncio da Rua — Josenir — (1.º Científico do Colégio Estadual Wilson Gonçalves)
- 10.º Lugar — Alta Noite — Cícero Marconi de Oliveira — (4.º Ano Ginásial do Colégio Estadual Wilson Gonçalves)

I N T É R P R E T E S

- 1.º Lugar: Zeilton Alves Feitosa
- 2.º Lugar: Beatriz Gomes Luna
- 3.º Lugar: Vera Sílvia Teles Braga
- 4.º Lugar: Ednólia Venezes Lôbo
- 5.º Lugar: Beatriz Gomes Luna
- 6.º Lugar: Emília Oliveira e Elvira Jamacarú
- 7.º Lugar: Maria de Fátima Bêlchlor
- 8.º Lugar: Emília Oliveira e Elvira Jamacarú
- 9.º Lugar: Antônio Ivan Alencar
- 10.º Lugar: João Batista Pereira Lôbo

COMISSÃO JULGADORA

Adotando critérios, contidos no Regulamento do Certame, uma competente comissão selecionou as poesias apresentadas, assim composta: Pe. João Mendonça Leite, Prof. Francisco de Assis Brito, Prof. Miguel Costa Barros, Evanilda Alves Rocha, Pe. Eugênio Dantas, Secretários: Sebastião Maciel Costa e Maria Aurenívia Lima Teles.

Grande público lotou o auditório da Fundação Pe. Ibiapina nos dias 24, 25 e 26, aplaudindo e estimulando os concorrentes e para se alegrar juntamente com os vitoriosos. Este empreendimento veio beneficiar os jovens poetas cratenses.

Crato, 27 de setembro de 1971

EVANILDA ALVES ROCHA
pela Comissão Organizadora

VIVA O CORDEL!

REPRESENTANTES DE UMA DAS MAIS ANTIGAS MANIFESTAÇÕES DA POESIA POPULAR AGORA TAMBÉM TÊM UMA ACADEMIA

Francisco José
Chefe de Reportagem

A literatura de cordel, uma das mais antigas manifestações da poesia popular, seja urbana ou rural, acaba de consolidar um espaço de produção e preservação, da maior importância para o folclore regional nordestino. Trata-se da **Academia de Cordelistas do Crato**, no Cariri cearense, uma instituição que nasceu e está prosperando graças à iniciativa de um grupo de amegados, entre os quais se inclui o radialista Elói Teles, poeta, folclorista e pesquisador da cultura popular.

Considerado naquela região do estado, como um dos maiores entusiastas e divulgadores da obra do genial Patativa do Assaré, o maior poeta vivo do mundo, na avaliação do já falecido Luiz da Câmara Cascudo, ele foi um dos grandes batalhadores junto ao poder público e à iniciativa privada, para concretizar o sonho da Academia dos Cordelistas.

Com apoio de uma instituição britânica, o veterano

radialista adquiriu anos atrás, em Campina Grande, a máquina destinada à impressão dos folhetos de cordel, da lavra dos poetas integrantes daquele ateneu caboclo.

Foi, portanto, o passo decisivo para consolidação da Academia, às quais têm assento os autores Luciano Carneiro de Lima, William Brito, o próprio Elói Teles, Sebastiana Job, mais conhecida como Dona Bastinha; Josenir Amorim de Lacerda, Tancredo Lobo, Chico Nascimento, Poeta Maranhão e o ex-padre Eugênio Dantas de Medeiros. São doze os integrantes da Academia.

A instituição está comemorando a edição do sétimo cordel, que é parte de toda a produção referente ao período de janeiro de 1991 a abril de 1999. Essa singular academia, que deve servir de modelo a outras iniciativas do gênero em outros rincões nordestinos, caminha para a celebração do seu primeiro aniversário de vida, dando uma significativa contribuição à literatura popular da região, reconhecida pela autenticidade



do seu folclore e pela excelência.

SAÚDE E HIGIENE

Mas, engana-se quem pensar que a inspiração criadora dos que fazem a literatura de cordel no Crato está circunscrita ao que já se conhece dessa vertente da poesia e da narrativa, muito encontrada em feiras livres e eventos populares do interior da Paraíba e de outros estados do Nordeste. De autoria de Josenir Amorim Alves Lacerda, uma ex-funcionária da recém-privatizada TeleCeará, o cordel intitulado "A Tosse e o Resfriado", foi baseado no livro "Medidas Vitais", do Unicef, o Fundo das Nações Unidas para Infância.

Trata-se de parte de uma antologia escrita para a série "Trenzinho da Saúde", produzida pelo Serviço Brasileiro da BBC de Londres. A emissora oficial do governo britânico transmite diariamente, para o Brasil, das 17h30 às 20h15, hora de

Brasília, por emissoras de vídeo. Lacerda, assim como o trabalho similar de Luciano Carneiro de Lima, intitulado "A Diarréia", figuram como instrumentos de educação e conscientização popular, no que se refere à prevenção de doenças comuns ao interior nordestino, principalmente nos recônditos onde a saúde pública, longe de ser a solução, ainda continua sendo um problema regional. Abordando a mesma temática, a cordelista Sebastiana Job, conhecida entre os companheiros de academia como Dona Bastinha, compôs o folheto intitulado "O que você deve saber sobre higiene".

Com a consolidação da Academia dos Cordelistas, os poetas populares do Cariri cearense, institucionalizam não apenas uma vertente artístico-cultural, como uma vigorosa forma de comunicação, que continua sendo objeto de estudos linguísticos e literários.

As mulheres no cordel

A presença feminina na literatura de cordel sempre foi ofuscada pelos autores masculinos. Uma pesquisa realizada somente com mulheres cordelistas revela que, apesar de atuante, a figura feminina ainda é utilizada, inconscientemente, para reforçar os velhos valores patriarcais

CHARLES WALNEY
De Editora do Delas

Era uma vez, uma mulher que passou o carnaval no inferno. Era uma outra vez e uma outra mulher, agora moça, que se casou com o diabo. Houve até uma "cabóca" que enganou o santo. Personagens controversas, no auge da cultura erudita, as mulheres presentes na literatura de cordel começam a ganhar status de objeto científico.

Um estudo apontou que a presença feminina na produção dos folhetos (como os cordéis são conhecidos), apesar de pequena, é bem mais importante do que se pensa.

Ao contrário do que uma leitura mais superficial do tema pode revelar, a mulher, como tema ou personagem central dos cordéis, é maior absoluta. "É difícil você pegar um folheto que não trate de questões envolvendo a mulher", afirma a professora de Teoria da Literatura da Universidade do Estado da Bahia imaginária popular, promovendo o resgate da história não-oficial.

Os estudos preliminares da pesquisa, realizada no acervo da Fundação Cultural da Bahia, detectaram que, de um modo geral, os folhetos escritos por mulheres tratam de

questões genéricas, que vão desde o problema do alcoolismo na família até aventuras envolvendo figuras mitológicas e folclóricas, como o Diabo, Andréa, no entanto, revela que "não há, pelo menos conscientemente, uma preocupação política nos cordéis escritos por punhos femininos".

Um estudo apontou que a presença feminina na produção dos folhetos (como os cordéis são conhecidos), apesar de pequena, é bem mais importante do que se pensa

A pesquisadora afirma que não existe, no cordel feminino, uma preocupação específica com questões relacionadas ao seu universo. Historicamente, os folhetos escritos por mulheres desfilam, quase sempre, o homem como protagonista, ficando a personagem do sexo oposto sempre relegada a coadjuvante. Ela acredita, no entanto, que a ausência de crítica sobre os problemas do dia-a-dia nos cordéis femininos não se deva

pela falta de engajamento político nem baixa escolarização das autoras. "Existe até uma cordelista presente no meu estudo que, no início dos anos 90, participava de movimentos de bairro", lembra.

Em Juazeiro do Norte, por exemplo, entre as cerca de 14 cordelistas mulheres, destaca-se a militante do PCdoB, Salete Silva, que escreveu o folheto "Luta Mulher", um libelo feminista contra o machismo reinante.

Quando assumem o papel de trovadoras, outra prática comum no universo do cordel, as mulheres cordelistas impõem respeito. A pesquisadora conta que entrevistou muitos cantadores e todos diziam que "quando pegam mulher pra fazer duelo na viola, é preciso o maior cuidado pra não atacar ela em nada. O cantador sabe que a resposta é imediata e pesada". Por isso, segundo Andréa, os homens evitam lutar em temas polêmicos e a cantoria acaba se desmanchando em elogios múltiplos. Uma espécie de romantismo às avessas.

A hora e a vez da cordelista

Foi no agreste Cariri que a literatura de cordel conquistou seu trono. Fundada há 10 anos, a Academia Cordelista do Crato reúne um trovador para cada mês do ano. Em dezembro, é a hora e a vez de Josenir Amorim. Lacerda nos traz:

os outros 11 imortais do que seu punho de poeta é capaz. Mesmo com o pequeno número de mulheres na literatura de cordel, a Academia cratense possui, além de Josenir, uma outra cordelista: Bastinha, ou melhor, Sebastiana Gomes Justas, perpetuam a tradição que herdaram da própria região onde nasceram e se criaram.

A história do amor de Josenir Amorim Lacerda pelos cordéis tem início há muito tempo, numa época em que a televisão ainda era artigo de luxo para poucos. Sua avó materna tinha um sítio longe da cidade, onde a diversão dos agricultores era, à noite, sentar em círculo no terreiro para ouvir as rimadas sagas nordestinas.

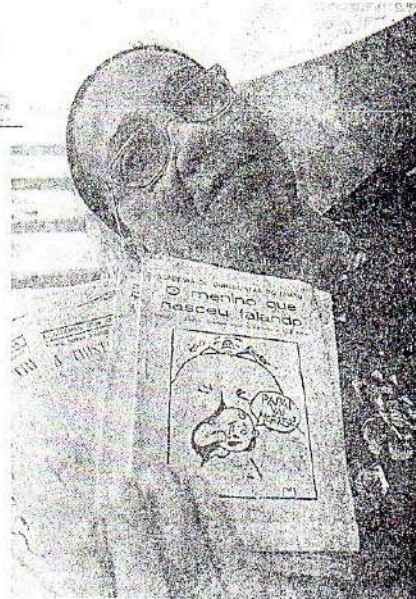
"O cordel fazia parte das compras de segunda-feira", lembra a cordelista, "e, como o povo não tinha televisão, ele acabava funcionando como jornal, que ninguém lia. Por não ter acesso e por não saber ler

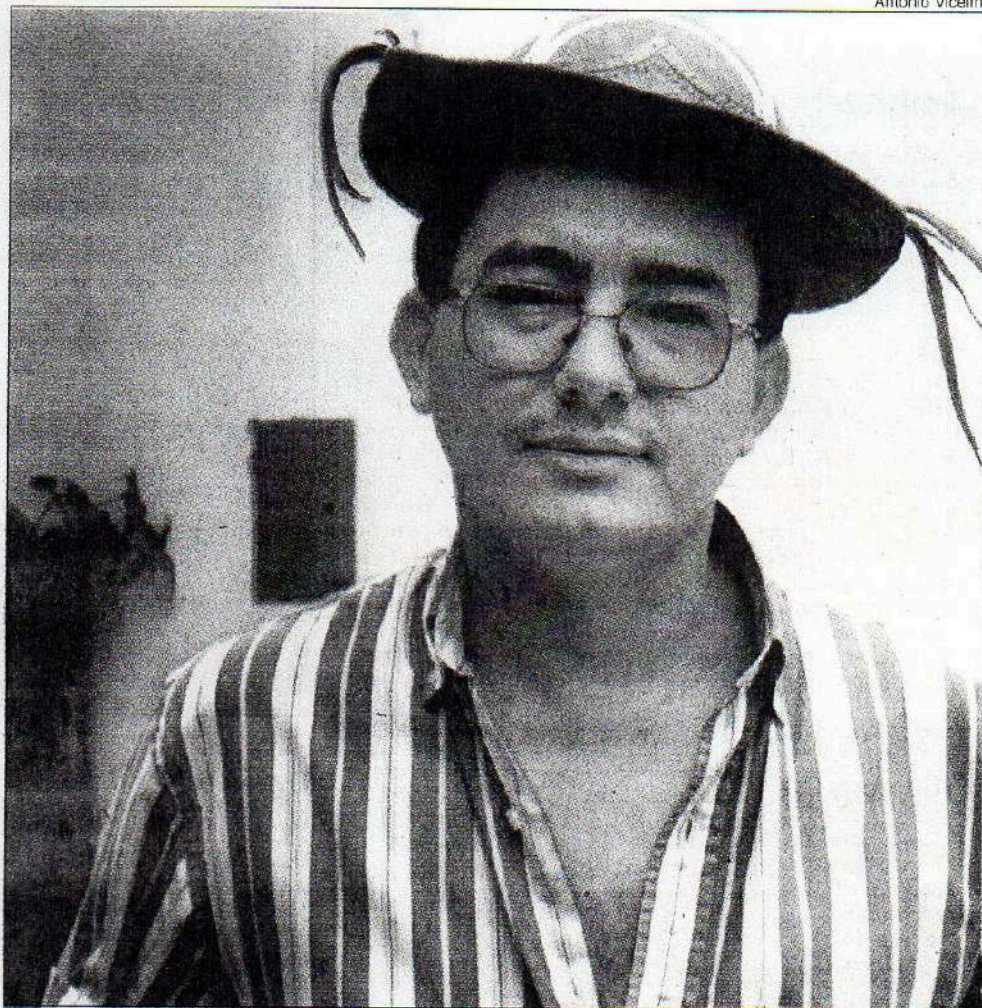
mesmo", Josenir se refere ao período em que a literatura de cordel era utilizada como meio de informação; pois trazia temas que tratavam desde acontecimentos políticos da semana, até ocorrências policiais do sertão do Cariri.

O alto índice de analfabetismo não era empecilho para os amantes do cordel. "Eu mesmo casei de ler pros agricultores, na época da debulha do feijão", recorda ela, cuja própria avó, que adorava os cordéis, era analfabeta. É a esta mesma avó que Josenir atribui o amor ao ofício de cordelista, como relembra: "ela me ditava suas cartas, que sempre terminavam em poeminhas, que eu não podia mudar uma vírgula sequer".

Já como imortal, Josenir chegou a produzir três cordéis ("A cabóca que enganou o santo", "A moça, o tio e a lambiada" e "Privada não, sou doutora") com uma outra poetisa, esta, de Juazeiro do Norte, Iris Tavares.

Com tantas mulheres cordelistas reunidas, o curioso é a ausência da preocupação com questões femininas. "Eu ainda não escrevi nada sobre direitos da mulher", confessa Josenir, "embora ela apareça em vários cordéis como indagação e maltrêm".





O presidente da Academia dos Cordelistas do Crato, Willian Brito, comandou a solenidade com muito brilho

Solenidade presta homenagem a Elói Teles

Em seguida foram lançados os cordéis "A chegada de Eloi Teles no Céu" do poeta Correinha; "Eu vi que fui enganado" do professor Eugênio Dantas com apresentação do professor Jurandy Temotheo; "Sangue, uma fonte de vida" de Edésio Batista com a apresentação lida pela dr.^a Neide Barreto; "A organização do trabalho" de Willian Brito com apresentação da professora Willian da Escola Agrotécnica;

Também foram lançados, "Saber do povo" da poetisa

Josenir Lacerda, com apresentação do poeta Zé Joel, lida pelo Dr. Napoleão Tavares Neves e finalmente "Tristão Gonçalves: um herói do sertão" cordel iniciado por Eloi Teles e concluído por Willian Brito.

A apresentação feita por Josenir Lacerda criou um clima de emoção, que cresceu quando Willian Brito agradeceu a confiança da família de Eloi que permitiu que este concluísse a obra do mestre. A Academia dos Cordelistas do Crato foi fundada no dia 15 de dezembro de

1990 por um grupo de poetas, entre os quais, engenheiros, carroceiros, comerciários, dentistas, funcionários públicos e professores.

Hoje, com mais de 200 cordéis publicados, a academia vem sendo objeto de estudo na França. Editou cinco cordéis para a BBC de Londres. O mais curioso: O fundador da entidade, Eloi Teles de Moraes, construiu sua sede própria ao lado do cemitério. Ali funciona uma velha impressora manual, operada pelo carroceiro e cordelista Luciano Carneiro.

Academia dos Cordelistas lança seis trabalhos

Crato (Sucursal) — A Academia dos Cordelistas do Crato lançou, no final de semana, mais seis cordéis de autoria dos integrantes daquele sodalício que é formado por 12 membros. Com apenas 10 anos de vida, a academia já lançou mais de 200 cordéis. Na oportunidade foi entregue o troféu "Coisas do Meu Sertão" ao médico e escritor Napoleão Tavares Neves, ao xilógrafo Walderedo Gonçalves, ao comerciante Antônio Higinio de Oliveira, ao jornalista Antônio Vicelmo e a Miguel Teles.

O Presidente da academia, Willian Brito, justificou que o troféu era um reconhecimento do trabalho prestado pelos homenageados a cultura popular. A solenidade foi realizada no Centro de Estudos Supletivos.

Na mesma solenidade, tomou posse a poetisa Francisca Maria Cardoso de Oliveira, conhecida por "Mana", na cadeira que tinha como titular José Esmeraldo da Silva, "Zé Professor". A posse de Mana foi marcada pelo lançamento do cordel de sua autoria "Vingança bem bolada" que conta a história de um coronel do sertão que foi ao Rio de Janeiro a procura de uma noiva e voltou de braços dados com um travesti.

A poetisa Josenir Lacerda apresentou o cordel "Linguajar Cearense", um dicionário de palavras populares usadas pelo cearense. O professor Eugênio Dantas escreveu um cordel com o título "Testamento do Judas: Dr. Mosquito Dengoso", que é uma crítica ao sistema político do Brasil. Francisco Correia Lima, "Correinha", deu continuidade a onda de críticas aos políticos com o cordel "No País de Zé Limeira" e, finalmente, o cordel "Folclore no Sertão", de autoria de Luciano Carneiro.



Presidente da entidade, Willian Brito, destacou e entrega do troféu

Fundada pelo radialista e folclorista Elói Teles de Moraes, falecido no ano passado, a Academia dos Cordelistas do Crato, é uma espécie de Academia Popular de Letras. O atual presidente, Willian Brito, explicou que para entrar na entidade o trabalho do candidato é analisado por uma comissão de acadêmicos cordelistas. São levados em consideração métrica, rima, enredo e entrosamento do candidato com os futuros colegas.

Em seguida, cada um dos membros da comissão dá um parecer justificando, se for o caso, o ingresso do novo integrante na academia. A literatura de cordel tem sido o veículo natural da cultura popular no Brasil. O vocábulo

cordel derivou-se de corda, na acepção de cordão ou barbante. Caldas Aulete define o cordel como um estilo literário equivalente à farsa medieval, cheia de graças e equívocos. "Farsas de cordel, as que se expunham à venda nas ruas ou debaixo das arcadas, penduradas em cordéis".

Todavia, o conteúdo poético evoluiu para temas culturais sérios, de sagas históricas e ideais religiosos. Esses impressos, chamados brochuras, eram originalmente compostos nas tipografias do interior nordestino, em preto e branco, ilustrados pelo processo artesanal da xilografia. São estórias sobre casos e personagens presentes no cotidiano dos habitantes do Nordeste brasileiro. Os libri-

nhos - feitos de apenas uma folha de papel, dobrada de modo a formar oito páginas - recebem o nome de Literatura de Cordel por serem expostos pendurados em um fio de barbante, para serem vendidos em feiras ou nas ruas. É um costume vindo do Velho Mundo, onde a Igreja era detentora da "cultura" oficial assim como a língua: o latim.

O processo de formação dos Estados Nacionais subjulgou inúmeras comunidades que continuaram utilizando sua linguagem de costume, sendo o latim restrito a uma elite. Cidades como Provença, no Sul da França, Lombardia ao Norte da Itália e Galícia eram pontos convergentes de comércio e peregrinação. E, quando ali, se encontravam tais viajantes, histórias de aventura eram contadas, notícias de reinos distantes eram informadas e tudo posto em forma rítmica, o que facilitava a retenção da informação ou história.

A oralidade a fala popular se apresenta em oposição à oficial Igreja Católica. Menestres, Trovadores e Jograis - poetas andarilhos que acabam por viver disto - percorriam vastas distâncias para levar tais relatos a outros cantos.

Durante o século XVII a imprensa na Europa ganha um maior domínio popular, o que permite o surgimento do Folheto, maneira pela qual a literatura de Cordel ganha materialidade, sendo possível sua comercialização em feiras e localidades como as mencionadas acima. Inicialmente os cordéis vieram em forma de prosa e foram chamados de "Literatura de Cego" em Portugal, devido a venda concedida, de tais folhetos, a irmandade do Menino Jesus do Homens Cegos de Lisboa a mando de D.João V.



Pau-d'Arco dá um colorido especial à paisagem serrana

Pau-d'Arco destaca-se na paisagem da Ibiapaba

Ubajara (Sucursal) — Em meio a um quadro de devastação da mata nativa, destaca-se na Serra da Ibiapaba o Pau-d'Arco amarelo, que nesta época do ano dá um colorido especial à paisagem da região. A árvore é bastante apreciada por sua beleza que simboliza a primavera, podendo ser observada em alguns pontos da rodovia de Tianguá a Guaraciaba do Norte, sendo necessário um trabalho de preservação da espécie.

Falta uma efetiva conscientização da própria comunidade, que precisa ser orientada sobre a proteção dos recursos naturais, para preservação em especial da flora, conservando-a para usufruto da sociedade, que, por sua vez, não deve alterá-la com desmatamentos e queimadas.

O Ibama vem realizando algumas ações de preservação da Ibiapaba, tendo cria-

do, recentemente, uma Brigada de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais. Também vem sendo feito um trabalho de educação ambiental nas escolas, através da gerência do Parque Nacional de Ubajara e da APA da Ibiapaba.

Deve-se destacar que a região do Parque Nacional, localizado em Ubajara, é considerada uma verdadeira ilha no meio do sertão cearense, formada por uma chapada cercada por um vale verdejante.

Neste contexto, a Brigada é de grande importância para a preservação deste 'paraíso', onde também se encontra o Pau-d'Arco amarelo. Importante ressaltar que, na baixada, a caatinga, com sua vegetação espinhenta, domina a paisagem do Parque Nacional, com várias espécies de cactos, cedros, juremas, aguiços e juazeiros.

F. Edilson Silva

F. Edilson Silva

15/06/2002

CORREIO DA PARAÍBA

Informe Campina

Equipe da Sucursal
jcampina@zaz.com.br

O resgate do cordel

O Maior São João do Mundo apresenta-se como importante vitrine para amostragem das legítimas manifestações culturais da região nordestina. Campina Grande transforma-se no epicentro da cultura popular da região, traduzida na música, nas danças, na poesia, na culinária e costumes do povo interiorano.

Um dos sinais mais vigorosos do processo de resgate cultural é, sem dúvidas, a retomada da literatura de cordel. Já se pode encontrar em bancas de revista, exemplares dessa vertente literária. Um avanço e tanto. Um verdadeiro reencontro do povo simples com sua cultura, com suas verdadeiras raízes.

Se Campina Grande, através de suas instituições – como é o caso da Fundação de Cultura – toma a iniciativa de fazer ressurgir a literatura de cordel, da cidade do Crato, no Cariri cearense, terra-berço do Cego Aderaldo, o grande bardo sertanejo, vem o exemplo que deve ser seguido pelo Nordeste a fora.

Naquela cidade, um grupo de abnegados defensores da poesia popular, criou e, sabe-se como, vem mantendo a Academia de Cordelistas do Crato, instituição que já publicou mais de uma centena de livretos de cordel. A entidade, segundo informa a poeta Josenir Amorim de Lacerda, uma das grandes revelações desse gênero literário – que alguns puristas consideram marginal – já tem o seu próprio informativo.

Trata-se de um canal para divulgação do que é produzido no âmbito da poesia popular. Uma iniciativa das mais válidas, da maior importância para a preservação das nossas legítimas manifestações telúricas, que resistem apesar dos modismos desses tempos de globalização. Viva o Cordel! (Francisco José)

JORNAL do CARIRI Cultura

13 de setembro de 2002 5

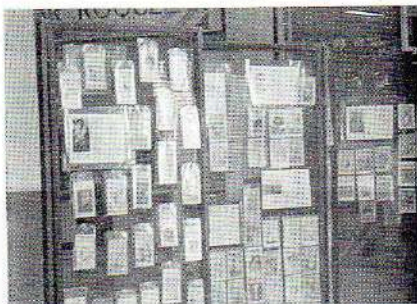
Cordéis

Academia dos Cordelistas do Crato expõe no Cariri Shopping

Há pouco mais de dez anos, a Academia dos Cordelistas do Crato luta para conservar viva a cultura popular que mais se identifica com o homem nordestino, e dessa forma, inúmeras conquistas foram obtidas ao longo dos anos ■

ASSILAN DE PAIVA
Editora de Cultura

A Academia dos Cordelistas do Crato está realizando na Praça de Eventos do Cariri Shopping uma exposição com a finalidade de difundir a cultura do cordel que na opinião dos organizadores é uma grande manifestação popular do homem nordestino. A exposição foi aberta oficialmente na noite de



■ Associação dos Cordelistas do Crato promove exposição de cordéis com os mais variados temas

Academia já lançou cerca de 300 títulos nos mais variados assuntos, o que resultou numa instituição bastante articulada durante todo ano, sendo responsável por momentos de discussão, como seminários,

posição de que será aceito ou não.

Por fim, o objetivo da exposição, além do já ressaltado, é também o de divulgar as coisas ligadas ao cordel, ao folclore e à divulgação da própria

Cultura

▼ Academia dos Cordelistas do Crato realiza exposição no Cariri Shopping. Willian Brito de parabéns pela iniciativa.

ontem e contou com cantadores, lançamentos de cordéis e mostras de peças que representa o homem do campo nordestino em sua simplicidade e sofrimento. O evento segue até o dia 15, próximo domingo, onde será encerrado com um público de pessoas interessadas em conhecer de perto esta vasta literatura que se prolifera no sertão nordestino. Também passarão pela exposição pessoas ligadas a Academia, ao movimento do cordel e escritores populares que também utilizam esta arte para passar as suas mensagens e reivindicações.

Criada no ano de 1991, no município do Crato, o movimento reúne 16 pessoas que foram aos poucos sendo enquadradas por uma seletiva para compor os assentos e que hoje preenchem as cadeiras na seguinte ordem: cadeira 01 - Presidente: Francisco Willian Brito, 02 - Luciano Carneiro, 03 - Josemir Lacerda, 04 - Bastinha Job, 05 - Edézio Batista, 06 - Maécio Lopes, 07 - Anilda Figueiredo, 08 - Alexandre Costa, 09 - Chico Nascimento, 10 - Eugênio Dantas, 11 - Mana Cardoso, 12 - Correinha, 13 - Wellington Costa, 14 - Williana Brito, 15 - Pedro Ernesto, e por fim, José Joel, que tomou posse na noite de ontem. O evento está sendo realizado em parceria com o Cariri Shopping, que gentilmente fez o convite à Academia, através da pessoa do gerente de marketing, Antônio Marcos.

Desde a sua fundação, a

palestras, oficinas de cordéis nas escolas públicas e apresentações na semana do folclore, o que possibilitou incentivo da Lei Jereissati, onde com os recursos, foi adquirida uma tipografia manual onde são confeccionados os títulos dos próprios integrantes. Segundo um dos informantes, a Academia tem pretensão de aumentar o número de cadetras, chegando ao acento de número 24, o que possibilitará o aumento de novos integrantes; para quem quiser fazer parte, é necessário que já tenha inscrito três cordéis e mandar um para ser analisado pela comissão do órgão, de quem vai sair a

Academia, que se estabelece como um órgão percursor da cultura literária e popular que nasceu para falar das coisas simples do sertão nordestino, do homem do campo e da miséria acentuada nesta região; um tipo de literatura forte no Cariri que se expressa na mais simples da linguagem e se fortifica a cada vez que é lida e apreciada.

Serviço

■ Exposição de Cordéis e utilidades do sertão
De 12 a 15 de Setembro
Na praça de Eventos do Cariri Shopping. Horário de funcionamento.
Realização: Academia dos Cordelistas do Crato. Informações: 571.14.14

CULTURA



CORDEL A Academia dos Cordelistas do Crato está realizando na Praça de Eventos do Cariri Shopping uma exposição com a finalidade de difundir a cultura do cordel que na opinião dos organizadores é uma grande manifestação popular do homem nordestino ■ Página 06

oral em suas terras de origem. Os cordelistas foram os precursores dos jornalistas por este sertão aforn. Esse gênero literário antecedeu o jornal, a rádio e a televisão.

NA GRAFICA da ACC o cordel é confeccionado letra por letra, artesanalmente

ciclos: o heróico, o maravilhoso, o religioso on

cego, por causa da lei

Participe do maior evento da pecuária nordestina

ESTUDANTES DE IGUATU QUEREM TRANSPORTE ESCOLAR

PÁGINA 3



DIÁRIO DO NORDESTE

Regional

Fortaleza, Ceará, 10 de agosto de 2003

e-mail: regional@diariodonordeste.com.br

LITERATURA DE CORDEL

Trabalhos populares desaparecem das feiras

Antônio Vialino

Os famosos cordéis como "A Chegada de Lampião no Inferno", "O Pavão Misterioso", "João Grilo", ou "João Soldado, o Valente Praça que Meteu o Cão Dentro de Um Saco", estão desaparecendo das feiras-livres do Nordeste. No Cariri, esta literatura popular vem sendo substituída por produções regionais. Crato e Juazeiro são verdadeiros laboratórios desse tipo de literatura.

Em Crato, por exemplo, funciona a Academia dos Cordelistas do Cariri (ACC), um sodalício que reúne os imortais da poesia popular do Cariri. Cada integrante tem obrigação de publicar, pelo menos, um cordel por ano. Criada em janeiro de 1991, a ACC já publicou mais de 250 títulos inéditos, totalizando mais de meio milhão de folhetos.

Para isso, foi instalada uma gráfica que funciona ao lado do cemitério do Crato. Especializada em cordéis, a gráfica trabalha artesanalmente. Os versos são compostos letra a letra, num trabalho minucioso e dedicado. Com o nome de "Coisas do Meu Sertão", a gráfica é um verdadeiro museu que mostra a dificuldade para compor um

cordel, ou a página de um jornal do passado.

O professor Eugênio Dantas, atual presidente da Academia, justifica que a utilização do velho método de fazer composição literária faz parte do compromisso da academia de se manter fiel as origens.

A ACC foi fundada pelos poetas e poetisas Willian Brito, Luciano Carneiro, Josenir Lacerda, Sebastiana Job, Cícero Jorge, Eloi Teles, Tancredo Lobo, José Esmeraldo, Geraldo Lacerda, Eugênio Dantas, Chico Nascimento e Alexandre Costa. São professores, carroceiros, trabalhadores rurais, dentistas, agrônomos que se nivelam no patamar da poesia.

Alem na gráfica, os



A CORDELISTA Josenir Lacerda mantém um ponto de venda de cordéis na sua residência. Lá é comercializada toda a produção da gráfica da ACC e mais os trabalhos publicados na Paraíba

cordelistas mantém um ponto de venda de cordéis na residência da poetisa Josenir Lacerda, na rua José Cavalho. O telefone para contato é 521-0827. Além da produção regional,

a Academia está comprando cordéis na Paraíba.

Um dos maiores centros de produção está localizado na cidade de Patos, Paraíba, onde estão sendo editados os clássicos da

literatura de cordel. A iniciativa é do cordelista Antônio Américo Medeiros. O cordel, segundo Josenir, está em alta. Faz parte da cultura popular nordestina. As histórias, contadas em

versos pelos poetas, eram narradas nas reuniões familiares, nas varandas das fazendas de gado, na casa-grande e nas roças dos engenhos de cana-de-açúcar.

CULTURA POPULAR

Academia lança novos cordéis no Cariri

◉ Pela primeira vez, foi lido um cordel em forma de entrevista. Entidade chega a quase 600 títulos publicados

Crato. A Academia dos Cordelistas do Crato lançou mais nove cordéis, perfazendo um total de quase 600 títulos e um milhão de folhetos nos seus 19 anos de existência. A solenidade foi realizada ao ar livre, no pátio da Academia, sob a claridade da lua. "Um ambiente próprio para um recital de poesias", disse o presidente da instituição, Luciano Carneiro, acrescentando que o principal objetivo é manter uma das mais ricas tradições da cultura popular. A literatura de cordel, segundo Luciano, atravessa os séculos sem ser destruída pela avalanche de modernidade que tende a invadir o sertão.

O primeiro cordel lançado teve como mote "A Nossa Mãe Dona Evinha é Luz no Nosso Viver", de autoria de Williana Brito. No mesmo estilo, foi lido o cordel "Antônio Higinio é Amigo dos Cordelistas do Crato", também da mesma autora. Pela primeira vez, foi lido um cordel em forma de entrevista. A poetisa Francisca Cardoso de Oliveira, conhecida como "Mana", entrevistou o jornalista, radialista e correspondente do *Diário do Nordeste* na Região do Cariri, Antônio Vicelmo, que respondeu às perguntas por meio de versos.

Os outros cordéis seguiram a linha tradicional. Edésio Batista fez um relato do tempo em que a missa era celebrada em latim. Josenir Lacerda falou sobre o "pulo do santo, uma história, bem humorada, sobre São Longuinho". O professor Eugeônio Dantas descreveu as histórias engraçadas de Edésio da Gentil, enquanto Aldemá de Moraes falou sobre o projeto "Nova Vida". No fim do encontro, a poetisa Mana leu um cordel sobre as riquezas da Serra do Araripe, um dos principais acidentes geográficos da região do Cariri.

Produção à antiga

O cordel é feito em antigas máquinas impressoras. A chapa para impressão do cordel é feita à mão, letra por letra, um trabalho



◉ SOLENIIDADE DE LANÇAMENTO dos novos cordéis foi realizada sob o clarão da Lua, em um ambiente propício para um recital de poesias FOTOS: ANTÔNIO VICELMO

FIQUE POR DENTRO

Saiba mais sobre o piloto do Regional

Segundo Luís da Câmara Cascudo, no livro "Vaqueiros e Cantadores", os folhetos foram introduzidos no Brasil pelo cantador Silvino Pirauá de Lima e depois pela dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. No início da publicação da literatura de cordel no País, muitos autores de folhetos eram também cantadores que improvisavam versos, viajando pelas fazendas, vilarejos e cidades pequenas do sertão. Os cordelistas foram os precursores do rádio e do jornal. Com a criação de impressoras particulares em casas e barracas de poetas, mudou o sistema de divulgação do material popular. O autor do folheto podia ficar num mesmo lugar a maior parte do tempo, porque suas obras eram vendidas por folheteiros ou revendedores empregados por ele.

artesanal que dura cerca de uma hora para confecção de uma página. Em seguida, a chapa é levada para a impressora, também manual, para imprimir. A manutenção desse sistema antigo faz

parte da filosofia do trabalho, diz o agrônomo Wiliam Brito, integrante da Academia e autor de cordéis voltados para a defesa do meio ambiente que tiveram repercussão em todo o Brasil. A outra etapa é a confecção da xilografia para a capa do cordel.

Em crônica lida na Rádio Educadora do Cariri, o médico e historiador Napoleão Tavares Neves lembrou que o cordel veio da Europa. No século XVIII, já era comum entre os portugueses a expressão "literatura de cego", por causa da lei promulgada por Dom João V, no ano de 1789, permitindo à Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa negociar com esse tipo de publicação. O denominador cordel vem do hábito de expor os folhetos em cordões para a venda.

Centro irradiador

Napoleão destaca que o cordel nordestino gritou independência assumindo características próprias. O Cariri tornou-se o centro irradiador dessa cultura, através da Lira Nordestina e da Academia dos Cordelistas do Crato.

O poeta popular, segundo Napoleão, é o representante do povo, o repórter dos acontecimentos da vida no Nordeste do Brasil. Não há limite na escolha dos temas para a criação de um

folheto. Pode narrar desde os feitos de Lampião até as "presepadas" de heróis como João Grilo ou Cancão de Fogo, uma história de amor ou acontecimentos importantes de interesse público. "O Pavão Misterioso" e "Chegada de Lampião no Inferno" são os cordéis mais vendidos entre os produzidos na região.

Centro irradiador

Segundo Ariano Suassuna, um estudioso do assunto, a literatura popular em versos do Nordeste brasileiro pode ser classificada nos seguintes ciclos: o heróico, o maravilhoso, o religioso ou moral, o satírico e o histórico. Atualmente, a literatura de cordel enfrenta dificuldades e não tem um bom mercado no Brasil, como acontecia na década de 1950, quando foram impressos e vendidos dois milhões de folhetos sobre a morte de Getúlio Vargas, num total de 60 títulos. ◉

Mais informações:

Academia dos Cordelistas do Crato
Praça Filémon Teles, em frente ao Parque de Exposições
(88) 3523.3947 / 3523.4442

◉ Comentário
regional@clarionordeste.com.br

LIVRO NA PRAÇA

Poetas divulgam cultura do cordel



O JOSENIR LACERDA e Edésio Batista são coautores do livro "Segredo", com contos, crônicas e cordéis FOTO: ANTÔNIO VICELMO

Crato. Os poetas cratenses Edésio Batista e Josenir Lacerda participaram da 7ª edição do Projeto Livro de Graça na Praça, realizado na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, como coautores do livro "Segredo", que reúne contos, crônicas e cordéis de 18 escritores e poetas de vários Estados do Brasil. Edésio escreveu o cordel "Uma História Curiosa", enquanto Josenir contou "O Segredo de Marina".

Além dos dois cordéis, o Crato se fez presente com o lançamento do cordel, em Braille, "Do selo lambido ao ponto com", de autoria do professor Ulisses Germano Leite Rolim em parceria com o idealizador do projeto "Livro na Praça", José Mauro da Costa. A obra foi patrocinada pelo Instituto Ben-

jamin Constant para marcar a comemoração dos 200 anos do alfabeto Braille.

Este ano, o projeto promoveu quatro lançamentos: "Segredo", para o público adulto; "Descobri!", dirigido ao público infanto-juvenil; e os cordéis "Do Selo Lambido ao Ponto Com" e "Corpo de Bombeiros". A corporação prestigiou o acontecimento com a presença de sua banda de música. O evento é uma das principais atrações da agenda cultural da capital mineira. ■

MAIS INFORMAÇÕES

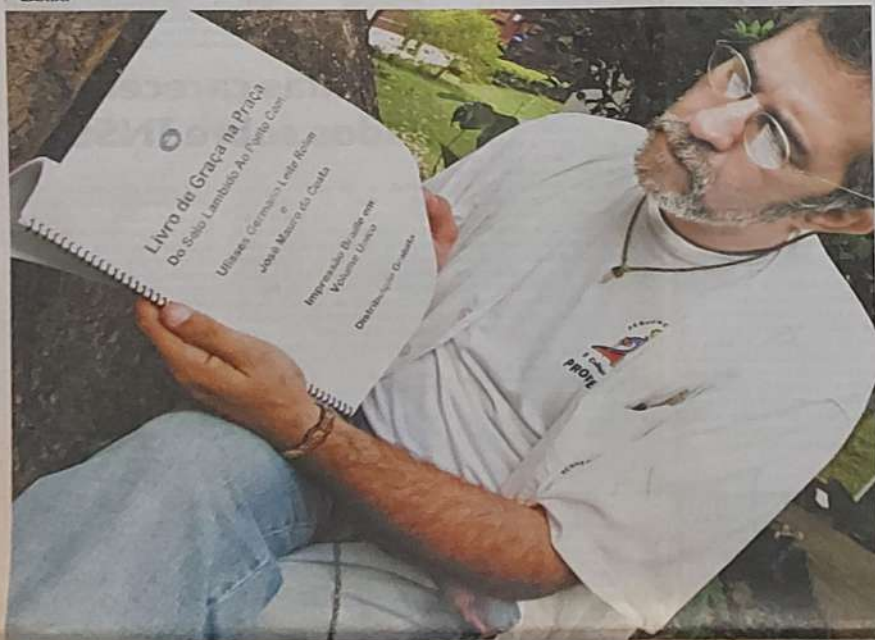
Academia dos Cordelistas do Crato
Praça Cel. Filemon Teles, S/N
(88) 3523.3947
(88) 3523.4442

REGIONAL

Diário do Nordeste

regional@diariodonordeste.com.br

CARIRI



Ulisses Germano, igualmente bastante identificado com o Cariri, exhibe a edição que é pioneira no Brasil em sistema de pontos

Poetas lançam primeiro cordel em sistema braille

● O Cariri confirma ser um celeiro de grandes manifestações culturais, com o pioneiro cordel em sistema braille

ELIZÂNGELA SANTOS
Repórter

Crato. O primeiro cordel em sistema braille do Brasil sai da fonte da arte caririense, dentro da comemoração dos 200 anos do alfabeto braille. "Do Selo Lambido ao Ponto Com" é o título do trabalho, produzido em duas mãos. Os poetas José Mauro da Costa, mineiro de Belo Horizonte, e Ulisses Germano Leite Rolim, de Iguatu e caririense por escolha, começaram a tratar do trabalho por meio de uma brincadeira, mas que agora faz história.

O lançamento será nacional para todos os institutos de portadores de deficiência visual do Brasil. Foi a principal atração da sétima edição do evento Livro de Graça na Praça, que aconteceu no último domingo, na Praça da Liberdade, com a distribuição de 30 mil exemplares de livros totalmente gratuitos. A promoção foi da Associação dos Escritores do Nordeste do Livro de Graça na Praça.

Foram impressos inicialmente 1.500 exemplares na gráfica da Academia de Cordelista do Crato, numa edição normal. A xilogravura foi confeccionada por Lusyrnir Lacerda. A edição em braille foi confeccionada através do patrocínio Instituto Benjamin Constant. "Essa é uma forma de divulgar a poesia, a métrica e a rima do cordel", diz o professor de arte, também

FIQUE POR DENTRO

Versos destacam mundo com tecnologias

No mundo tecnológico/ aparentemente lógico/ do viver globalizado/ existem muitas pessoas/ que seguem tecendo laços/ à volta ao passado/ Assustadas como novot/ ficam espalhando pro povo/ a mensagem distorcida/ que a tecnologia mata/ a sabedoria nata/ acumulada na vida/ Pessoalmente, não creio/ e vos falo sem receio/ que a destruição do erro/ nasce do nascer do novo/ que Colombo no seu ovo/ deu solução ao emperrô/ A humanidade tão ávida/ acolhe a mudança, impávida/ a internet é o portal/ da nossa biblioteca/ onde está a hipoteca/ do saber universal/ O desuso é a consequência/ do

músico e compositor. Ele explica que conheceu José Mauro há alguns anos no município do Crato. Um professor aposentado de literatura, alheio às chamadas "tecnologicidades".

Ele não usa celular e nem tem e-mail. Daí nasceu o cordel a idéia "Do Selo Lambido ao Ponto Com". Um contraste dos tempos que se renovam, mas as percepções do que há de bom e a atemporalidade da arte. "Uma forma de se falar das vantagens de cada tempo, das tecnologias disponíveis", diz ele. Na apresentação do cordel, com a poeta Josenir Lacerda, ela vai mais longe, ao falar de um duelo bandido e bem formatado.

Ulisses se encantou no Cariri. Quer até morrer em plena Chapada do Araripe. Já publicou

avanço da ciência/ conforto sempre faz bem/ usando certo e bom senso/ podemos, sim, assim penso/ penso o conforto também/ Quem não tem computador/ deveria andar de andor/ voltar a telegrafar/ sentar no bonde parado/ viver no ultrapassado/ tempo de manivelar/ Ora pois, que absurdez!/ parar o tempo de vez/ bom mesmo é facilitar/ mostrar a cara do mundo/ num piscar de um segundo/ ver a notícia chegar! Os dois lados da moeda/ muitas vezes emvereda/ pro lado mal do pensar/ mas quando o conhecimento nos liberar do tormento/ o bem há de despotar. (trecho do cordel)

● As facilidades possibilitadas pelas tecnologias são mostradas nos versos do cordel

alguns cordéis. A sua grande felicidade para se inspirar na rima dos livretos foi encontrar poetas como Luciano Carneiro, Bastinha, Josenir Lacerda, todos da Academia de Cordelistas do Crato. "Vim prá dizer/ que toda minha cantoria/ quer firmar com o dia/ que a paz um dia reina/ então deixo esse planeta satisfeito/ por ter feito do defeito/ uma lição para mudar", diz o poeta, deixando sua rima em homenagem ao trovador Fran-

cisco Correia Lima, o Correinha.

Ulisses tem tido dificuldades de conseguir apoio para o lançamento em Belo Horizonte. Ele diz que essa será uma oportunidade de falar do Cariri para a imprensa de vários estados, mas que mesmo assim com dificuldades não deixará de ir participar do que ele considera um momento.

Inclusão cultural

O evento é uma das atrações do calendário cultural da capital mineira, durante este mês. Considerado de grande sucesso nos anos anteriores, tem como objetivo difundir o hábito da leitura, promover a inclusão cultural, integrar a literatura no contexto do circuito cultural da Praça da Liberdade e ainda possibilitar a interação entre o autor e os variados leitores.

Anualmente, os livros são editados especialmente para distribuição gratuita em praça pública com a presença dos autores. Nos últimos seis anos, foram entregues à população cerca de 40 mil exemplares de várias obras. Os cordéis "Do Selo Lambido ao Ponto Com" e "Corpo de Bombeiros" serão lançados para o público infanto-juvenil, além do lançamento da edição em braille. A meta é divulgar ainda mais essa arte, por meio do incentivo à leitura, bem como à produção de texto. ●

● Mais informações

Professor Ulisses Germano
Rua Araripe, 227-A
maur@maur@ponto.com.br
(88) 9643.6779

● Comente
regional@diariodonordeste.com.br

LITERATURA POPULAR

Cordel é expressão viva da cultura nordestina

A chegada de Lampião ao inferno

JOÃO PACHECO DA ROSA

Um cabra de Lampião

Por nome Pílão Delgado

Que morreu numa trincheira

Em certo tempo passado

Ando correndo vilão

Fazendo mal-acombado

E quem foi quem trouxe a notícia

O pai de Lampião chegou

Faltou pouco pro virar

Inimigos de o marido

Morreu tanto o querido

Tês netos de Panchão

Um não chamado Cati

Escapilha Boca Inútil

E uma moleira novo

Quase queimava o toldo...

◉ O contrário do que se pensava, a tradição do cordel continua viva, e revela talentos raros preservados no interior

ANTÔNIO VICILMO
Repórter

Crato. A cultura popular é um magnífico tesouro que brota da alma da nação nordestina. Abrange um elenco de manifestações que fazem parte do cotidiano do sertanejo que guarda no peito um verdadeiro relicário de valores expressivos, que vão se perpetuando pelas gerações, e alimentando a memória viva da nação. Uma das maiores expressões dessa cultura é a literatura de cordel, que estaca de poesia os territórios das casas sertanejas e, também, as feiras livres do interior.

O cordelista é um representante do povo, o repórter dos acontecimentos da vida no Nordeste do Brasil. Não há limite na escolha das temas para a criação de um folheto. Pode narrar desde as feiras de Lampião, com

até as "presepadas" de heróis como João Grilo ou Canção de Fogo, uma história de amor ou acontecimentos importantes de interesse público.

A literatura de cordel é assim chamada, segundo pesquisa da Fundação Joaquim Nabuco, pela forma como são vendidos os folhetos, dependurados em barbantes (cordões), nas feiras, mercados, praças e bancas de jornal, principalmente das cidades do interior e nos subúrbios das grandes cidades.

Linguajar

Devido ao linguajar despreocupado, regionalizado e informal utilizado para a composição dos textos, essa modalidade de literatura nem sempre foi respeitada, e já houve até quem declarasse a morte do cordel. Ao contrário do que se previa, o cordel ganhou o mundo.

Os versos do Pasatempo de Anairê, por exemplo, passaram a ser estudados na Universidade de Sorbonne, na França. Os violões de cinema que eram vistos com certo preconceito, ganha-

ram as ruas, as universidades e os teatros.

Ao longo deste tempo, além de mudanças temáticas, o cordel passa também por várias transformações no plano da forma. Nas capas, anteriormente ilustradas com clichês utilizados em jornais e revistas, passa-se a empregar cartões postais, fotografias de artistas de cinema, desenhos e xilogravuras.

Outros elementos tomados de empréstimo da imprensa escrita foram abandonados como, por exemplo, a divisão, segundo o estilo dos folhetos, de uma mesma história em três diferentes folhetos. As histórias, por sua vez, diminuíam de tamanho passando a predominar os folhetos de 8 ou 16 páginas sobre os de 32 ou 64 páginas.

Pesquisa

Acompanhando o processo de globalização e de abertura do modelo cultural, o cordel é estudado e pesquisado, com grande

interesse, nos intercâmbios, debatido em ciclos literários e até mesmo em conferências mundiais.

De acordo com Ariano Suassuna, um estudioso do assunto, a literatura popular em versos do Nordeste brasileiro pode ser classificada nos seguintes ciclos: o heroico, o maravilhoso, o religioso ou moral, o satírico e o histórico. A região do Cariri, no Brasil, é o celeiro de grandes poetas cordelistas.

Entre os mais famosos podem ser citados os irmãos Bandeira (Pedro, João Chico e Daudeth Bandeira), que aqui aportaram, trazendo na alma a fé no Padre Cícero e, no sangue, a veia poética do avô Manoel Galindo Bandeira, um dos maiores cantadores da viola do sertão paraibano.

Nas pegadas dos Bandeiras, surgiram outros valores que transformaram em poesias os programas de rádio das emissoras caririenses, ou varando as madrugadas em desenhos poéticos que ecoam nos pés de zerra da região do Cariri.

"Com esta nova geração de poetas, a literatura popular está longe de desaparecer e continua a par, talvez, ser uma primeira opção na luta pela difusão da leitura no Brasil", aposta o poeta João Bandeira de Caldas.

Jornalismo

O cordel tem uma estreita ligação com o jornalismo. Eram im-

◉ A literatura de cordel enche de poesia os terreiros das casas sertanejas e as feiras livres do interior

◉ O cordelista é um representante do povo, o repórter dos acontecimentos da vida no Nordeste do Brasil



COMUNICAÇÃO

◉ Tem sido grande a procura por cordéis que hoje são encontrados em praças

DANTAS
Presidente da Academia dos Cordelistas do Crato

◉ O cordel é o mais simples instrumento de comunicação do povo

LUCIANO CARNEIRO
Poeta cordelista

◉ Nas vilas, os livros no cordel davam a última notícia que percorria o sertão

JOSEDIR LACERDA
Poeta cordelista

pressos nas mesmas impressoras dos jornais do passado. No início do século passado, quando os jornais não chegavam ao interior, o cordel ocupava o espaço dos jornais e emissoras de rádio. O cordelista era uma espécie de repórter itinerante que andava de feira em feira, levando a população os últimos acontecimentos da semana.

Notícia

Para que se tenha uma ideia dessa função jornalística, basta lembrar que, quando Getúlio Vargas morreu, um dos poetas de cordel mal ouviu a notícia pelo rádio, começou a escrever "A lamentável morte de Getúlio Vargas". Entregou os originais ao meio-dia e à tarde recebeu os primeiros exemplares. Vendeu 70 mil em 48 horas.

Outro assunto que teve grande repercussão foi "O trágico romance de Doça e Ângela Diniz". A "Carta do Satanás a Roberto Carlos" também teve grande sucesso, inspirado na música que dizia "E que tudo mais vá pro inferno!". Os folhetos de cordel tratam, de forma cômica e, de certa forma irônica, diversos temas como, por exemplo, seca, trição, violência, amor, desilusão, entre outros. ◉ Continua nas páginas 2 e 3

...O vilão foi e ali se
A notícia se soube:
— Bôla, vou aí comê
Al chegar Lampião
Disse que quer entrar
E se via lá perguntar

— Não senhor, satanás da se
Vá dizer que vô embora
Só me chega gente ruim
Eu ando muito caipora
Entou até com vontade
De botar mais do meide
Dos que têm aqui pra fora

Lampião é um bandido
Ladrão da honestidade
Só vem demoralizar
A minha propriedade
E eu não vou procurar
Sarna para me coçar
Sem haver necessidade...

...Reclamava satanás:
— Horror maior não precisa
Os anos não de saíra
E mais agora essa pisa
Se não houver bom inverno
Tô cedo aqui no inferno
Ninguém compra uma camisa

Letores, vou terminar
Tratando de Lampião
Muito embora que não possa
Vos dar a resolução
No inferno não ficou
No céu também não chegou
Por certo está no sertão

Quem duvidar nessa história
Pensar que não foi assim
Querer tomar do meu alô
Não acreditando em mim
Vá comprar papel moderno
Escreva para o inferno
Mande saber de Cati

MAIS INFORMAÇÕES
◉ ACADEMIA dos Cordelistas do Crato, Praça Filarmón Teles, em frente ao Parque de Exposições (88) 3523.3947 / 3523.4442
COMENTE
◉ regional@diariodonordeste.com.br



"A MORADA DA POESIA"

Academia dos Cordelistas resgata tradição



NA ACADEMIA DOS CORDELISTAS do Crato, a chapa para impressão do cordel é feita à mão, letra por letra. Foto: Antônio Veloso

Poetas do Município de Crato tentam manter viva a arte de criar cordéis e repassá-la para geração jovem

FIQUE POR DENTRO

Folhetos

SEGUNDO Luís da Câmara Cascudo, no livro "Vaqueiros e Cantadores", os folhetos foram introduzidos no Brasil pelo cantor Silvino Pirauá de Lima e depois pela dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. No início da publicação da literatura de cordel no País, muitos autores de folhetos eram também cantadores que improvisavam versos, viajando pelas fazendas, vilarejos e cidades pequenas do sertão. Os cordelistas foram os precursores do rádio e do jornal. Com a criação de empresas particulares em casas e barracas de poetas, mudou o sistema de divulgação do material popular. O autor do folheto podia ficar num mesmo lugar a maior parte do tempo, pois suas obras eram vendidas por folheteiros ou reverdeiros.

livrarias, aeroportos, praças de artesanatos, pela Internet.

Tais folhetos eram produzidos, muitas vezes, em gráficas antigas, sem grandes tecnologias, de forma quase manual. A Academia dos Cordelistas do Crato faz questão de manter esta tradição. A chapa para impressão do cordel é feita à mão, letra por letra, um trabalho artesanal que dura cerca de 1 hora para confecção de uma página. Em seguida, a chapa é levada para a impressora, também manual, para imprimir. "A manutenção desse sistema antigo de impressão faz parte da filosofia do trabalho", justifica o presidente da Academia. Este trabalho é feito pelo tipógrafo Vicente Nascimento, remanescente das antigas tipografias do Cariri.

A outra etapa é a confecção da xilogravura para a capa do cordel. As xilogravuras são ilustrações populares obtidas por gravuras talhadas em madeira.

Anteriormente, a xilogravura tinha uso considerado "menos nobre", como a confecção de garrafas de cachaça e outros produtos. Sua grande popularidade veio com o cordel. As matrizes para a impressão das ilustrações são talhadas em madeira mole (o cajá, por exemplo), geralmente pelos próprios autores das histórias de cordel que utilizam apenas um canivete ou faca doméstica, bem amolados. No Cariri, o trabalho é feito em umburana. A gráfica é administrada pelo poeta Luciano Carneiro de Lima que, segundo o poeta Cacá Araújo, é uma espécie de mago do verso popular. Luciano, que é "Mestre da Cultura", constrói seus versos falando sobre religião, problemas sociais, tradições populares, romanceia e faz humor. Agricultor, carroceiro e vigilante, Luciano é uma das mais respeitadas e reconhecidas expressões do verso popular caririense. Pobre de bens e rico de sabedoria popular, ele é considerado um cordelista completo.

Revelação

Além de manter viva esta tradição, a Academia tem revelado grandes poetas e poetisas. Recentemente a cordelista cratense Josenir Lacerda, autora de cerca de 50 cordéis, entre os quais "Linguagem Casareta" e "De volta ao Passado", foi convidada para a Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Vai ocupar a Cadeira 37 do poeta José Francisco Soares, conhecido como o poeta-repórter por retratar em versos os acontecimentos do dia a dia.

Josenir mantém uma loja na Rua José Carvalho, no Centro do Crato, onde são vendidos, além de cordéis, diversos produtos típicos do Nordeste: bonecas de pano, cabaças, xilogravuras, figuras esculpidas em madeira, bordados, cadeira de couro do Bododó, ancoretas e tantos outros badalaques. A loja é uma verdadeira bodega cultural, fartamente incrementada com os conhecimentos preciosos da proprietária sobre tudo quanto é cultura popular.

No Brasil, a literatura de cordel chegou com colonizadores lusos, em "folhas soltas" ou mesmo em manuscritos. Só mais tarde, com o aparecimento das pequenas tipografias - fins do século passado -, a literatura de cordel surgiu e se fixou no Nordeste como uma das peculiaridades da cultura regional.

No outro contexto, inúmeros poetas levantaram suas vozes na busca de soluções para os problemas regionais, denunciaram as atrocidades que se têm praticado a esta gente. Patativa do Assaré, por exemplo, mostrou o estado de penúria em que vive o nordestino, enfocando as arbitrariedades exercidas pelo latifúndio, clamando por reforma agrária para aqueles que não possuem, sequer, um palmo de terra para se enterrar.

A esse fato se refere a música "Cabra da Peste": "Eu sou de uma terra que o povo padecer/Mas não estorce e procura vencer /Da terra querida/que a linda cabocla/De riso na boca zomba no sofrer/Não nego meu sangue, não nego meu nome/Olho para a fonte...". (A.V.)

COMENTE

regional@diariodonordeste.com.br

PROJETO

Talento de poetas é divulgado em feiras livres



O poeta João Nicodemus define a feira como palco da cultura popular nordestina

Crato. Segundo pesquisa feita pelo violonista Flávio Sombra, o cordel teve origem na Europa, na Idade Média, num tempo em que não existia televisão, cinema e teatro para divertir o povo. A imprensa ainda não tinha sido inventada e pouquíssima gente sabia ler e escrever. Os livros eram raríssimos e caros, pois tinham de ser copiados a mão, um a um. O violonista conta que nos pequenos vilarejos existia um dia da semana que era especial: o dia da feira. Nessas ocasiões, um grande número de pessoas se dirigia à cidade, e ali os camponeses vendiam seus produtos, os comerciantes ofereciam suas mercadorias e artistas se apresentavam.

O Sesc do Crato está desenvolvendo o Projeto Cordel na Feira. O objetivo é resgatar uma antiga tradição: a presença dos cordelistas nas feiras semanais das cidades do interior, quando o cordel era o principal meio de comunicação entre os morado-

res da zona rural que fazem da feira o ponto de encontro para compra de mercadorias, troca de ideias e, principalmente, balcão de informações dos assuntos da semana.

A iniciativa lembra que, em um passado não muito distante, as feiras do Nordeste tinham um papel importante na vida sociocultural e econômica das

Nos pequenos vilarejos, antigamente, existia um dia da semana que era especial: o dia da feira

Nessas ocasiões, um grande número de pessoas se dirigia à cidade, e ali artistas se apresentavam

vilas e municípios. "Era ali, no meio de 'souvenirs', ferramentais, cereais, farinhas e bugiungas de toda a espécie que poetas e cantadores pelejavam entre si e os livros no cordel davam a última notícia que pertorcia o sertão", lembra a cordelista Josenir Lacerda.

O evento foi animado por uma rabeca, instrumento típico das feiras nordestinas, tocada por João Nicodemus, um dos autores do cordel que define a feira como o palco da cultura popular nordestina. A feira, segundo Nicodemus, é uma espécie de shopping center popular que funciona como vitrine da criatividade do homem do campo com o seu rico artesanato. Ali, funciona também a "praça de alimentação" com comidas típicas: buchada, panelada, bafão-de-tois, caldo de mocotó, galinha caipira, pão de milho. O humor ficou a cargo de "Tranquilino Repuxado". (A.V.)



CORDEL NA FEIRA

Projeto lança 'Segredos da natureza'

❖ O projeto do Sesc quer mostrar que o cordel era o principal meio de comunicação da zona rural no Interior

ANTÔNIO VICELMO
Repórter

Crato. Com o lançamento do cordel "Segredos da natureza", de Josenir Lacerda e João Nicodemos, o Serviço Social do Comércio (Sesc) deu continuidade, ontem, ao projeto "Cordel na Feira". O objetivo é resgatar uma antiga tradição: a presença dos cordelistas nas feiras semanais das cidades do Interior, quando o cordel era o principal meio de comunicação entre os moradores da zona rural que fazem da feira o ponto de encontro para compra de mercadorias, troca de ideias e, principalmente, balcão de informações dos assuntos da semana.

A iniciativa lembra que, em um passado não muito distante, as feiras do Nordeste tinham um papel importante na vida sociocultural e econômica das vilas e municípios. "Era ali, no meio de 'souvenirs', ferramentas, cereais, farinhas e bugigangas de toda a espécie que poetas e cantadores pelejavam entre si e os livretos no cordel davam a última notícia que percorria o sertão", lembra a cordelista Josenir Lacerda.

O cordel "Segredos da Natureza" é um diálogo poético entre dois matutos que trocam in-

FIQUE POR DENTRO

Origem em Portugal

A LITERATURA de Cordel chegou ao Brasil no Século XVIII, com os portugueses. Aos poucos, foi se tornando cada vez mais popular. Nos dias de hoje, podemos encontrar este tipo de literatura, principalmente, na região Nordeste do Brasil. Ainda são vendidos em lonas ou malas estendidas em feiras populares. De custo baixo, geralmente estes pequenos livros são vendidos pelos próprios autores. Fazem grande sucesso em Estados como Pernambuco, Ceará, Alagoas, Paraíba e Bahia. Este sucesso ocorre pelo preço baixo, do tom humorístico de muitos deles e também por retratarem fatos da vida cotidiana da cidade ou da região. Os principais assuntos nos livretos são: festas, política, secas, disputas, brigas, milagres, vida dos cangaceiros, atos de heroísmo, milagres, morte de personalidades etc. Em algumas situações, são acompanhados de violas ou rabecas.

formações sobre crendices, mitos, lendas, contos, provérbios e axiomas populares que são transmitidos oralmente de geração para geração.

Descontração

"É a conversa descontraída dos sertanejos nas varandas e nos terreiros das residências rurais,



❖ O CORDEL "SEGREDOS da natureza" é de autoria de Josenir Lacerda e João Nicodemos. No lançamento, o autor tocou rabeca, instrumento típico do Nordeste. FOTO: ANTÔNIO VICELMO

iluminadas pela luz da lua e climatizadas pelos ventos com cheiro de flores silvestres", define a autora. Para o dentista e poeta Chico Nascimento, o cordel é "o jornal daqueles que não tem acesso ou não compreendem a linguagem dos meios de comunicação, como rádio, jornal e televisão".

O cordel, segundo Chico Nascimento, na sua função de tradutor de informações exerce a missão de jornalista popular.

O poeta lembra que a poesia popular impressa, denominada Literatura de Cordel, é uma das mais legítimas expressões culturais nordestina. Desde que surgiram os primeiros folhetos im-

pressos, no último quartel do Século XIX, este modelo de comunicação tem sido poderoso instrumento de alfabetização e incentivo à leitura junto às populações carentes do Nordeste.

Rabeca

O evento foi animado por um rabeca, instrumento típico d-

ACADEMIA DE CORDEL

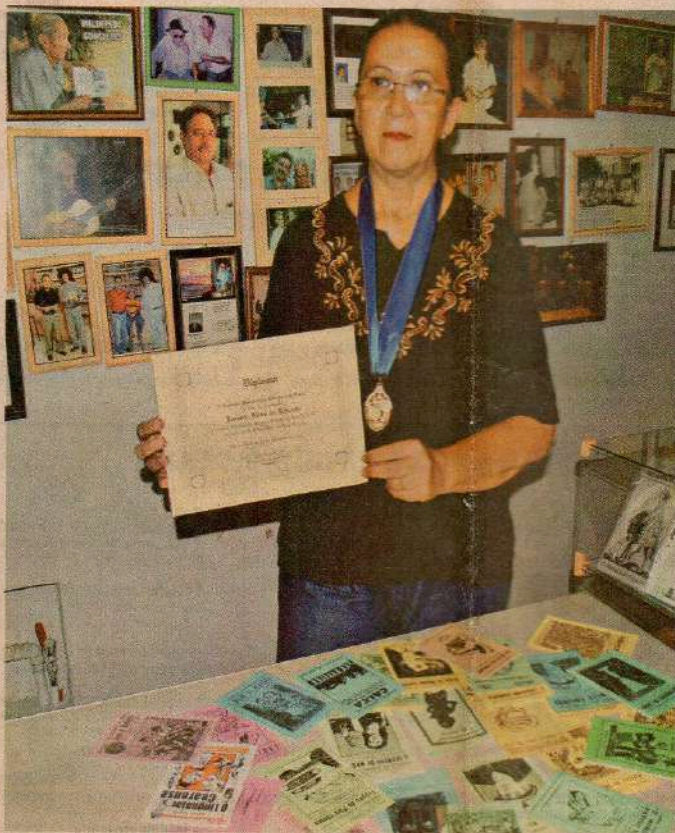
Cariri tem primeira mulher na ABLC

Josemir Lacerda, do Crato, já tomou posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel. É a segunda cearense

ELIZÂNGELA SANTOS
Repórter

Crato. Uma região destaque na produção de cordéis passa a ter, pela primeira vez, uma representante na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC). Josemir Alves de Lacerda, do Crato, é a primeira mulher caririense a fazer parte da entidade, e a segunda cearense. Ela foi empossada na cadeira número 37, no Rio de Janeiro, no último mês de dezembro. A cordelista teve um grande incentivador na sua caminhada: o poeta popular Antônio Gonçalves da Silva, o conhecido Patativa do Assaré, que chegou a fazer rimas de elogios ao trabalho da poeta cratense.

Um momento de emoção, em que o Cariri passa a ter uma representante na ABLC. Para Josemir, que assumiu a cadeira do titular Gonçalo Ferreira da Silva, é uma honra hoje estar nesse lugar. Ela está preparando o cordel, já que essa é uma missão de quem assume um lugar na academia, do seu titular. A presença da mulher e dos cordelistas cearenses na academia têm uma ênfase feminina. Josemir, agora imortal, passou a fazer



JOSEMIR ALVES de Lacerda foi empossada na cadeira 37, no Rio de Janeiro, no último mês de dezembro. Ela teve um grande incentivador: o poeta popular Patativa do Assaré. FOTOS: ELIZÂNGELA SANTOS

parte a partir do seu contato com outra cearense, há cerca de 30 anos morando no Rio de Janeiro, Maria de Lourdes Aragão Catunda.

Josemir, nesse momento, prepara dois novos trabalhos para serem lançados por grandes editoras do cordel do Brasil. O primeiro deles, com um tema exclusivo sobre o cangaço, e que traz uma de suas características de trabalho, que é a pesquisa apurada. A "Medicina no Cangaço" será lançado pela editora Luziuro, de São Paulo. A cordelista está ampliando um cordel que fez anteriormente, já que o cordel, que será lançado pela editora paulista, tem um formato maior e requer pelo menos 100 estrofes. Ela utilizou livros de pesquisadores do cangaço para verificar um tema diferenciado para explorar no cordel.

As obras da poetisa incluem 63 livretos escritos. Desses, 14 parcerias, 16 coletâneas e 33 particulares

Outro trabalho virá pela editora Ensinamentos, de Brasília. Uma reedição do cordel, em livretos, escrito em parceria com o cordelista João Nicodemos. O cordel "Segredos da Natureza" fará parte da coleção Cesta Básica da Cultura e do Conhecimento. Mas a também integrante da Academia dos Cordelistas do Crato tem trabalhos na sua carreira de sucesso e com várias edições publicadas.

Um deles é "Linguajar Cearense", na quinta edição. Duas delas pela Tupinambá Editora, Livro Técnico e o primeiro pela Academia de Cordelistas do Crato. Esse trabalho, em particular, fez um giro pela internet, e serviu mais ainda para divulgar esse trabalho de Josemir, tam-

bém fruto de uma pesquisa de resgate da linguagem coloquial do cearense. Termos, que segundo a cordelista, já não se fala mais. Por isso, a importância desse e a contribuição do cordel para o resgate.

Ainda criança

Josemir iniciou cedo no cordel. A menina tímida que começou a escrever versos de verdade para extravasar a sua timidez aos poucos conquista o seu espaço. De pequena, quando lia os clássicos do cordel para a avó, veio o tempero do imaginário.

A memória passa a ser povoada pelos príncipes e princesas, reis e rainhas, os dragões, os heróis nordestinos, o Pavão Misterioso. Ela vive cercada pela arte. Em casa, tem uma pequena lojinha de artesanato. O local é ponto de encontro de artistas, onde podem ser encontrados vários exemplares de cordéis, inclusive os seus.

São 63 livretos escritos. Desses, 14 parcerias, 16 coletâneas e 33 particulares. A inspiração surge de repente e os versos começam a ser decantados, entrando pelas suas origens. Josemir é funcionária pública aposentada. No trabalho brincava com os seus versos.

Desde que assumiu a Academia de Cordelistas do Crato, a convite do mestre Elói Teles, relembra a importância do folclorista que lutou pela preservação da literatura de cordel, teve uma preocupação em incentivar a participação da mulher. **o**

MAIS INFORMAÇÕES

ESPAÇO Cordel e Arte, localizado na Rua José Carvalho, 168, Bairro do Centro, Município do Crato - CE. Telefone: (55) 3512.0827

COMENTE

regional@diariodonordeste.com.br

Cordelistas festejam 20 anos de Academia

◉ A história da Academia dos Cordelistas do Crato foi contada em versos pelos poetas que fazem parte do sodalício matuto

Crato. Com o lançamento de sete cordéis, a maioria deles sobre o meio ambiente, a Academia dos Cordelistas do Crato comemorou os 20 anos de existência. Os cordéis foram apresentados pelos próprios autores durante sessão solene, na sede do Instituto Cultural do Cariri. A história da Academia foi contada em versos pelos poetas que fazem parte do sodalício matuto. Foi lembrado o fundador Eloi Teles de Moraes que, além de poeta, foi o grande incentivador do folclore cratense.

Outro homenageado foi o ambulante Antônio Higino, que transformou a sua Kombi numa bolega volante, onde ele faz a locação de cordéis com a sua clientela com o objetivo de divulgar o trabalho dos poetas cratenses. Higino foi homenageado com um cordel de Josenir Lacerda, que é integrante da Academia Brasileira de Cordelistas.

"São 20 anos de luta em defesa do cordel. Muito mais do que uma entidade, somos uma resistência", desabafou o professor Eugênio Dantas, presidente da Academia dos Cordelistas do Crato, lembrando o trabalho que vem sendo realizado para que a literatura de cordel não seja descaracterizada.

Manual

O exemplo começa em casa. Todos os cordéis da Academia são compostos manualmente, letra por letra, e impressos em máquinas antigas manuais. O poeta William Brito recorda que, ao longo destes 20 anos, muitos companheiros desistiram. Outros disseram que era uma loucura tentar salvar o cordel, uma arte moribunda no Brasil.

Ao fazer este desabafo, Brito lembra que, a princípio, os cordelistas do Crato foram discriminados por fazerem uma "poesia de segunda classe", desprezada



◉ A DATA DE ANIVERSÁRIO da Academia de Cordelistas foi marcada pelo lançamento de sete cordéis, a maioria deles sobre o meio ambiente, na sede do Instituto Cultural do Cariri. FOTO: ANTONIO VICELMO

LUTA

◉ São 20 anos de luta em defesa do cordel. Mais do que entidade, somos resistência"



EUGÊNIO DANTAS
Presidente da Academia dos Cordelistas do Crato

◉ A Academia é fruto do idealismo do poeta Eloi Teles, incentivador do folclore"



ULISSES GERMANO
Professor

dos compêndios de literatura. "Mas estamos ainda comemorando os 20 anos", comemora o poeta popular.

Criação

Fundada no ano de 1991, pelo radialista Eloi Teles de Moraes, a Academia dos Cordelistas do Crato já publicou mais de 500 títulos e mais de um milhão de folhetos que estão espalhados em todo o Brasil e na Europa.

Cada um dos 20 sócios tem obrigação de publicar, pelo menos, um cordel por mês. Hoje, a Academia é uma espécie de "sanatório" dos poetas do Cariri, principalmente do Crato, que é um celeiro de grandes poetas populares, a começar por Cego Aderaldo, poeta que é filho deste Município.

O cordel é um tipo de poema popular, originalmente oral, e depois impresso em folhetos rústicos ou outra qualidade de papel, expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis. A prática veio de Portugal, que tinha a tradição de pendurar folhetos em barbantes. No Nordeste do Brasil, o nome foi herdado desse país. ◉

MAIS INFORMAÇÕES

◉ **ACADEMIA** dos Cordelistas do Crato, Praça Filemon Teles, S/N
Telefones: (88) 3523-3947 ou (88) 3523-4442

COMENTE

◉ regional@diariodonordeste.com.br

» CULTURA

Josenir Lacerda: "Eu vivo o cordel"

A HISTÓRIA da primeira mulher do Cariri a fazer parte da Academia Brasileira de Literatura de Cordel



Numa época em que a comunicação na zona rural era mais difícil, a pequena Josenir Lacerda era solicitada pela avó para entreter os de casa com a leitura de livretos de cordel. Uma agradável missão para a menina de imaginação fértil, que viajava pelo mundo de princesas e dragões enquanto lia as histórias. Na adolescência, a garota tímida se apegava aos diários, na ânsia de colocar para fora o que dizia seu coração juvenil. E o que ele dizia vinha em versos que, mais tarde compreenderia, teriam a influência do cordel.

Dos primeiros livretos sem pretensão ao título de primeira mulher do Cariri a fazer parte da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), em dezembro de 2010, a cratense Josenir Lacerda percorreu um longo caminho. De início, não assumiu a identidade de cordelista, por timidez, talvez. Ou apenas pelo receio de falhar com o cordel. Na verdade, excesso de preocupação, que o mestre Patativa do Assaré tra-

çou de convencê-la do contrário.

"Um dia eu conversei com o Patativa e disse: 'olhe, eu respeito tanto o cordel que tenho muito medo de pecar com a métrica. A rima é mais fácil, porque você está vendo e compara a palavra. Mas a métrica é uma contagem de sílabas e eu não tenho a teoria, não me dediquei a isso, tenho só o ouvido. É muito intuitivo'", "Seu ouvido é muito bom", respondeu o sábio Patativa. "Não tenha medo", aconselhou.

De Patativa do Assaré recebeu mais do que incentivos, ouviu elogios em versos, que Josenir lamenta não ter decorado. O que ficou foi a gratidão de ter conhecido de perto a figura mais respeitada do cordel brasileiro. Outro grande incentivador da obra de Josenir foi o cordelista e folclorista Elói Teles de Moraes, que fez dela uma das cofundadoras da Academia de Cordelistas do Crato, em 1991.

"Percebendo que o cordel estava um tanto esmorecido, sem muita divulgação, ele resolveu criar uma associação,

que congregava 12 poetas cordelistas. E para minha agradável surpresa eu fui convidada. Eram duas mulheres e dez homens. Daí eu passei a dizer que sou cordelista, cofundadora da Academia de Cordelistas do Crato com muita honra, muito orgulho. Desde então, diariamente, eu vivo o cordel", relata Josenir.

O ingresso na Academia de Cordelistas do Crato foi um marco para a carreira de Josenir. Mas a posse na ABLC foi uma conquista não apenas dela, mas do movimento cordelista cearense. "Fico muito feliz, não só por mim. Eu me senti como uma cearense do Cariri, a primeira aqui do interior. Nós temos outra mulher (Mária de Lourdes Aragão Catunda) que faz parte, é cearense, mas mora no Rio de Janeiro há mais de 30 anos. Então essa bandeira, aqui no Ceará, eu que seguro", diz. Ao todo, Josenir já publicou cerca de 70 cordéis, juntando os que escreveu sozinha e com parceiros. De sua própria autoria, são aproximadamente 40. Os temas são os mais diversos, porque ela

Trechos do cordel "O Linguajar Cearense"

*No Ceará garimpei;
juntei tudo, compilei...
Ao leitor quero ofertar:
se alguém é desligado
é chamado de bocó,
broco, lerdo e abestado;
azuado ou brocoio,
Arigó e Zé Mané;
sonso, atruado, bilé,
pomba lesa e zuruó.*

*[...] O picolé no saquinho
aqui se chama dindin.
Se é o dedo menorzinho
é chamado de mindin.
Riso sonoro é gaitada;*

» De Patativa do Assaré, recebeu mais do que incentivos, ouviu elogios em versos, que Josenir lamenta não ter decorado. O que ficou foi a gratidão de ter conhecido de perto a figura mais respeitada do cordel brasileiro.

19 »

Diário do Nordeste • FORTALEZA - CEARÁ, 31 de janeiro de 2012

confusão é presepada...
Atrevido é saidin;
papo longo e sem valor,
é "miolo de pote"...
Muito esperto é viverdor;
adolescente é frangote!
Soldado raso é samango;
a lagartixa é calango...
O tabefe é cocorote!
A lista é quase sem fim;
não cabe num só cordel!
Tem alpercata, alfinim...
Enrabichada e berel.
Chué, baé, avexado,
bãe de cúia, ôi bribado,
Quebra-queixo
e carritel...

(Josenir Lacerda)

não gosta de se prender a determinados assuntos. Isso dá liberdade total à inspiração, quando aparece de surpresa. "Eu costumo dizer que inspiração é igual a menino ruim: chega puxando a saia da mãe e você tem que dar atenção, não importa o que esteja fazendo", brinca.

Uma das obras mais conhecidas de Josenir Lacerda, "O Linguajar Cearense", foi uma mistura de inspiração poética com muita pesquisa. O cordel reúne um vasto repertório de expressões típicas do cearense, revelando o jeito moleque e "gaiato" do povo do Ceará. "Esse cordel ganhou muito destaque. Foi editado em 2000, mas até hoje praticamente toda semana eu tenho notícia dele em algum canto, numa revista, numa apostila", conta Josenir. "Foi uma ideia muito feliz, que veio no estalo. Eu tenho muito o que agradecer a Deus por essa inspiração, porque divulgou muito nosso Estado, nosso linguajar, o jeito moleque cearense", comenta Josenir Lacerda.



